



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# CARNAVAL

Por MANUEL FERREIRA

a MARIA MADALENA

**T**OMARA já o Carnaval! — dizia, repetidas vezes, o Carlos Eugénio, ao aproximar-se a quadra do riso e da alegria.

Tanto êle como a mana Guida desejavam a vinda do Entrudo.

Iam ao cinema atirar saquinhos e serpentinas, mascaravam-se, iam para a Avenida passear de carro e faziam partidas à criada, uma lórpa chegada da «prubinx».

Eram três dias de belo divertimento.

A mana Guida nas horas vagas, ornamentava as janelas com serpentinas e fazia saquinhos que enchia



de areia e serradura. Os fatinhos com que se mascaravam tinham sido feitos pela mamã.

Êle seria um saloio azougado, de blusa de riscado azul, barrete verde-rubro de borla multicôr e calça castanha. Ela iria com um lenço de ramagens, blusa apertada, avental bordado e branquinho e saia de roda. A' cabeça, uma trouxa como se fôra uma lava-deira de Caneças.

Cantarolavam, satisfeitos, as modinhas da pitoresca gente dos arredores de Lisboa. E a pequena, tôda presumida, dava jeitos à saia e ensaiava a maneira de pôr a mão na anca.

O Carnaval chegou, como sempre. No primeiro dia divertiram-se imenso. Porém, à noite, Carlos Eugénio disse à mãe:

— «Mamã, nós, todos os anos, temos brincando. Hoje já nos divertimos muito. Fomos ao cinema, ao teatro. E' sempre a mesma coisa. Tu cá fazia uma coisa...»

— «Dize, meu filho» — observou a mãe.

— «Tenho um colega na escola primária que é muito pobrezinho. Tem uma irmã, tão bonita e boa como a

(Continua na página 3)

# AS MANAS ANASTÁCIAS

## E O SEU «PORTUGUÊS»

Por MARIA DOS MILAGRES

**A**S manas Anastácias eram duas: Anastácia Maria e Maria Anastácia, gémeas, velhotas e tão parecidas que se dava muitas vezes o caso de se confundirem uma com a outra, ao verem, de manhã, as suas imagens reflectidas no espelho do «toilette».

— «O' mana — dizia a Maria Anastácia — olhe que a sua cuiá está mal posta».

— «Não, mana; a sua é que está» — respondia a Anastácia Maria.

— «Pois a mana não vê que é a sua que está mais para um lado que para o outro?!» — perguntava, irritada, a primeira.

— «Ora está, mas que teima a sua mana! Olhe para o espelho e veja se não é a sua cuiá que está a cair!»

Ficavam assim que tempos, vindo das suas imagens trocadas, tão iguais elas eram, até que a Gertrudes, uma velha criada que lhes atuava as madurezas, vinha endireitar a cuiá que estava torta, resolvendo o caso.

Não sabiam lá muito bem português as manas Anastácias, por isso diziam bastantes asneiras quando falavam, o que fazia com que várias pessoas lhes puxassem pela língua, só por gosto de as disfrutar. Costumavam as ditas manas ir jantar a casa duns primos tódas as semanas e, por exemplo, começavam logo à entrada por perguntar:

— «Como está, prima «Beatriz», o primo «Arnesto» vai passando bem?»

Depois, tiravam os chapéus, as capas e uns lenços que traziam atados à cabeça para evitar as constipações e instalavam-se, uma ao pé da outra, perto do fogão.

— «Pois é verdade — começava uma — tem feito um tempo muito húmido, muito «insalubre»...»

— «Eu até me sinto pior do «reusmático»! — continuava a outra.

— «Sim?...» — perguntava a prima Beatriz, fazendo sinais aos filhos, o Carlitos e a Isabelinha, para estarem quietos, pois os pequenos, que tinham largado a brincadeira para virem ouvir as manas, tossiam imenso, tentando disfarçar o riso.

— «Calcule a prima — continuava uma das manas — que já gastámos mais de quarenta arrátéis de «cravão» só para a «cheminé»!...»

— «E' uma «desgrácia», — dizia a outra — uma grande «desgrácia!»



— «Pois é...» — respondia a prima, com imensa vontade de rir, ao mesmo tempo que os pequenos iam, a correr, para o outro quarto, voltando, pouco depois, já serenos.

— «Então, Carlitos, como vão os seus estudos?» — inquiria uma das manas.

— «Já estudou o «catacismo» para amanhã?» — perguntava a outra.

— «Ainda não». — respondia o Carlitos muito atrapalhado com vontade de rir.

— «Pois, então, vá estudar, menino, olhe que sem estudar não fica



sendo senão um «alfabeto»!... — continuava a mana Anastácia.

— «O' mana, que «ignorância»! — sentenciava a outra. Alfabeto! Não senhora. O que a mana quer dizer é «analfabetes». Tome nota, não ensine às «crianças» a pronunciar mal as palavras, porque a «análiza» é um dos estudos mais importantes!»

— «Ora essa! — respondia a outra mana toda enxofrada — tal-

vez me queira dar lições, a mim que fui aluna sempre distinta e «ilustria»!

Nesta altura, já as manas Anastácias se encontravam sózinhas, porque a prima Beatriz e os pequenos, tinham ido desabafar lá para dentro.

— «Crede, que falta de «indução»!... — exclamava uma delas, ao ver que estavam sózinhas.

— «Até parece «incredível»! — tornava a outra.

— «Vamos para casa, mana, lá, ao menos não «sêmos» assim insultadas...» — continuava a primeira.

— «Já agora, ficamos só hoje, para provarmos um pouco daquele doce de «abóbira» que a «Beatriz» faz» — dizia a outra.

— «Pois sim, se a mana quere, mas olhe que eu só «lembo» a colher — (respondia a irmã muito chorosa. — Não me sai da idéia a «escândola» que acabam de nos fazer...»

— «E' verdade, mana, que ordinarie! A nós, às filhas do «sacratário» dum ministro! Ai, não me sai da idéia também, não pode sair-me da idéia!»

— «Vamos para a mesa, primas?» — perguntava o Carlitos, entrando na sala, neste momento.

— «Vamos lá, meu filho, vamos lá — (diziam as manas muito satisfeitas e levantando-se rápidas). Já estamos com uma «franqueza»!...»

E as manas Anastácias iam, para a sala de jantar, onde continuavam a dizer asneiras até que se iam embora.

# RESPOSTA a TEMPO

Por FELIZ VENTURA

Carlos Zézinho tem fama,  
Em dez léguas em redor,  
De ter dentro do seu peito  
Bondade superior.

Contavam-se muitos casos,  
Com enorme admiração,  
Em que sempre se mostrava  
Todo o seu bom coração.

Era, pois, Carlos Zézinho  
Com muito respeito olhado  
E, dentro de sua casa,  
Pelos seus acarinhado.

Ora a tia D. Anica,  
Que um imenso amor lhe tem,  
Recebeu D. Constança  
Com quem relações mantém.

E quando as duas sentadas  
Estavam a conversar,  
Entra Zézinho que vai  
A ambas cumprimentar.

Logo a tia à outra disse,  
Cheia de satisfação:



— «A senhora não calcula  
O que aqui está, isso não!

Tem uma alma tão boa  
Que só quiere o bem fazer».  
A outra, incrédula, fica  
Sem saber o que dizer.

«Sorri-se? — (diz D. Anica) —  
Pois vai já ver e pasmar.  
Anda cá, meu bom Zézinho,  
Que a tia quer'-te falar.

Se eu te desse vinte escudos  
E tu saíesses lá fora,  
Que lhe fazias, amor?  
Diz aqui a esta senhora.»

E Zézinho, prontamente,  
Respondeu sem hesitar:  
«la logo á mercearia  
Bombons com creme comprar.»

F I M

## CARNAVAL *(Continuado da página 1)*

Guida. Viram-nos, hoje, na Avenida e, quando pas-sámos, não puderam conter as lágrimas. Coitadinhos, nunca brincaram ao Entrudo. Se nós lhes emprestássemos os nossos fatinhos...»

A mãe abriu os braços a Carlos Eugénio e disse-lhe:  
— «Bonita acção, meu filho. Tu tens gozado tanto. Eles, coitados, não. Traze cá os dois pequenos».



Os dois pobrezinhos tiveram, assim, um pouco de ventura. Passeavam, contentíssimos, como se tudo aquilo fôra um sonho. Foram ao teatro e ganharam os primeiros prémios.

Estavam encantadores. Ainda lhes ficavam melhor os fatinhos do que aos meninos ricos.

E, jubilosos, ao mostrarem os prémios, José e Maria Helena (que assim se chamavam os pequenos) diziam:

— «Obrigado, meus meninos. Nunca nos divertimos tanto».

Guida observava:

— «Também nos alegrámos muito por vocês parecerem tão bem com os nossos fatinhos e ganharem tão lindos prémios».

Quando, dias depois, todos os meninos foram para a escola, José e Maria Helena contaram à professora o que se havia passado. E esta elogiou Carlos e Guida, dizendo:

— «Foi uma bonita acção. Devemos dar aos pobres não só o pão, alimento do corpo, mas a alegria, que é alimento do espírito. Alegres, esquecem eles os infortunios da pobreza».



# O CAMELO PERDIDO

Por LEONOR DE CAMPOS

**N**O caminho do deserto encontrou-se, um dia, certo viajante com dois mercadores. Estes mostravam uma cara muito aflita e olhavam para todos os lados, como se procurassem qualquer coisa.

Então o viajante, dirigindo-se-lhes, saudou-os e perguntou:

— «Os senhores andam à procura dum camélo que lhes fugiu, não é assim?»

— «E' verdade!...» — responderam.

E o outro continuou:

— «O camélo é côxo da pata esquerda e cego do olho direito, não é?»

— «E', é!... Por acaso o senhor...»

Mas o outro prosseguiu, como se o não ouvisse:

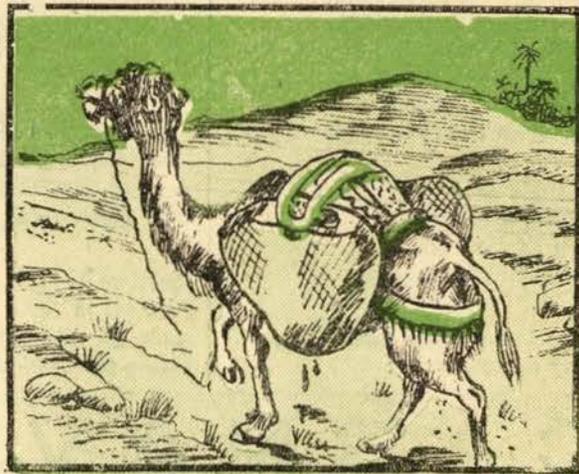
— «O bicho também não tem um dente da frente, pois não? E a carga que levava era de mel dum lado e do outro, trigo...»

— «Exactamente...» — disseram os mercadores. —

Então, o senhor viu o nosso camélo? Por favor, diga-nos onde está... Temos corrido tudo em busca dêle...»

Mas o viajante abanou a cabeça e respondeu:

— «Estão enganados. Nunca o vi nem sei onde pára...»



— «Essa agora? Então como sabe desses defeitos do animal e da carga que levava?»

— «Apenas porque sei pensar e raciocinar...»

Os mercadores, desconfiados, consultaram-se com o olhar... E, depois, cada qual agarrou o viajante por seu braço, intimando-o:

— «Venha daí connosco... Vamos ao juiz... Ali é que você vai mostrar as suas habilidades e a sua es-  
perteza...»

O homem não opôs resistência.

Logo que chegaram junto do juiz, os mercadores desataram em grande berreiro, acusando o outro de ladrão. O juiz interrogou-o em voz severa. Mas o viajante, serenamente, respondeu:

— «Garanto-lhe, senhor juiz, que nunca vi o camélo. Cheguei áquelas conclusões apenas por meio de raciocínio. E quere ver como?»

«Dei conta de que passara um camélo porque vi as pégadas. Mas como as pégadas eram mais profundas do lado direito, logo vi que era côxo da pata esquerda... Até aqui nada de extraordinário, não é?»



(Continua na página 8)



COLABORAÇÃO INFANTIL

## UM SUSTO PROVEITOSO

Por ANTÔNIA GUIMARÃES

VIVIA, em certa aldeia, uma pobre viuva que tinha um filho chamado Daniel, pouco estudioso e desobediente.

A pobre mãe ralava-se muito com ele, para que, mais tarde, fôsse um homenzinho e a pudesse amparar na sua velhice.

Mas Daniel pouco caso fazia dos bons conselhos de sua mãe.

Certa manhã, ao sair de casa para a escola, a primeira coisa em que pensou foi na brincadeira, como quasi sempre acontecia. Em vez de se dirigir para o colégio, fez uma bola com uns trapos que deparou na rua e foi jogando pela estrada fora. Tão distraído lá que, quando deu por si, estava num mato que existia próximo da aldeia. E pensou:

— Eu podia, aqui, apanhar um coelho e levá-lo para casa e, assim, a minha mãizinha não me ralava por faltar à escola.

Julgava ele que os coelhos bravos se apanhavam como os mansos. Quando Daniel andava em procura



dêstes animais, surge-lhe, porém, um outro com que ele não contava, pois, em vez de coelho, era um

grande lobo. Ele pensou logo que chegara o fim da sua vida e, como estava ali uma árvore, trepou como pôde por ela e começou a gritar cheio de terror.

Aos gritos do pequeno apareceram uns caçadores que andavam perto. Dispararam sobre o lobo, fazendo fugir este, ferido em uma das pernas, e salvando-se assim Daniel duma morte certa.

Foi tal o susto apanhado que nunca mais faltou à escola, tornou-se obediente e, desde esse dia, começou a estudar com tanta vontade que era um dos melhores alunos da sua classe, tendo feito exames e ficando aprovado com distinção.

Esta lição, que foi para ele proveitosa, podia, no entanto, ser-lhe fatal.

Mais vale seguir por caminho direito que de sustos tirar proveito!

F I M

## HISTÓRIA DE UM NARIZ

(Continuado da página anterior)

Já tartamudo, o bom Temudo, a gaguejar, quis explicar que, em pequenino, ainda sem tino, era infeliz, por ter, assim, esse nariz!

O outro, então, estendeu a mão e esborrachou e espatifou o narigão que, qual chorão, todo caído e sem sentido, pôsto de lado, acabou logo o seu reinado.

E, em lugar dêle, pegado à pele, um sumidinho, mui miudinho logo apareceu, ali cresceu!

Vai, toda a gente ficou ciente que o bom Temudo, o Narigudo, passara a ser, para seu prazer, o Temudinho do narizinho.

Mas esta história não tem memória! Da mesma forma, da mesma norma, o narizinho tão feiozinho deu que falar, que murmurar!...

O rapazio, num desafio, cantarolava, em troça brava:

— Este nariz,  
só por um triz,  
não chega a ser  
e a parecer  
uma feição!  
Foi o burlão  
que o pôs assim!  
Nariz chinfrim,

arrebicado,  
nada engraçado,  
tão sumidinho,  
encolhidinho,  
que é enxertia,  
que mais valia,  
p'la pequenez,  
morrer de vez! —



E, realmente, tornou-se urgente — pois estava farto de espalhafato, — mais bruxaria, outra magia que conseguisse a magiúce de lhe arranjar, de lhe aumentar, o narizinho, com mais carinho, e lhe fizesse, para seu interesse, a operação ao aleijão.

Veio um doutor que, com primór, com muito jeito, pôs a preceito o tal nariz tão infeliz.

Senhor Temudo, o topa a tudo, já não é mais o Narigudo, e o Temudinho do narizinho já não existe, já não persiste.

Muito risonho, vive num sonho, este Temudo, pois, com estudo, é finalmente, como a outra gente.

Já é feliz, com seu nariz que é bem feitinho, muito airozinho e como o amanhã e do tamanho de outro qualquer sem desfazer em tanta gente que está presente.

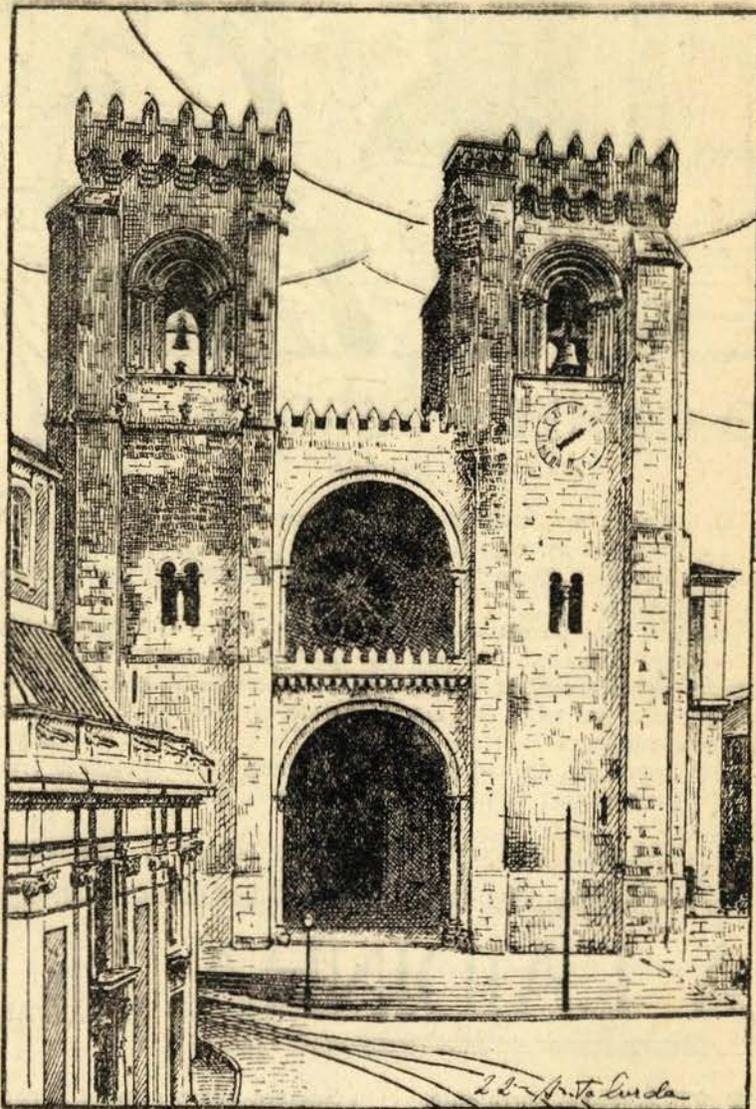
# REFERENCIA AUXILIAR

**I**GNORA-SE quem foi o fundador deste templo. Diz-se ter sido mesquita-mor dos mouros e que D. Afonso Henriques a consagrou a N. S.<sup>a</sup> da Assunção, quando tomou Lisboa em 25 de Outubro de 1147. Foi então nomeado bispo D. Gilberto, de nacionalidade inglesa, que, com o rei, combatera os sarracenos. Outros autores atribuem a sua fundação a Constantino Magno quando veio a Espanha e dividiu os seus bispados ou, ainda, a sua mãe Santa Helena.

D. Sancho I, D. Urraca, mulher de D. Afonso II, D. Afonso III e D. Diniz concederam-lhe bastantes legados.

Nos séculos XII e XIII fizeram-se-lhe grandes aumentos e reedificações. O terramoto de 9 de Dezembro de 1134 arruinou-lhe bastante a capela-mor. As obras de reedificação, mandadas fazer por D. Afonso IV, duraram só até 5 de Abril de 1334. Outras convulsões em 1337, 1344 e 1356 lhe causaram prejuízos. O terramoto de 1755 produziu-lhe grandes estragos sendo, anteriormente a este facto, o edificio diferente do actual.

# CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS



# ADVERTÊNCIA

*Meus meninos:*

Com este titulo, demos inicio a um concurso no «Pim-Pam-Pum» de 2 de Julho de 1936, obedecendo ao regulamento que anteriormente publicámos e que, por várias vezes, temos repetido.

Por motivos bem contra nossa vontade, um dos quais a ausência do seu organizador que, há alguns meses, se encontrava fora de Lisboa, não temos sido tão assíduos na publicação das gravuras como deveria ser, pelo que pedimos desculpa a todos os leitores a quem o concurso tenha interessado.

Prometemos, doravante, não faltar ao compromisso de não retardarmos mais essa publicação, visto o seu prolongamento prejudicar deversos o interesse que, até aqui, tendes demonstrado.

Decerto, ainda se não esqueceram das condições necessárias para poderem habilitar-se aos prémios que distribuímos, destinados a compensar o vosso esforço e boa vontade. Contudo, mais uma vez damos a conhecer essas condições, extractando do «Pim-Pam-Pum» de 27 de Agosto de 1936 o que, a esse respeito, então dissemos:

«As figuras que fórmos publicando deverão ser colecionadas num pequeno album ou caderneta, uma em cada folha, tendo indicadas juntamente a denominação do mo-

numento e localidade onde esteja situado. Está já estabelecido que não deve ir além de vinte cinco o número dessas figuras, das quais é necessário acertar pelo menos 75 %.

As referências podem ou não acompanhá-las, devendo ser, no primeiro caso, coladas na página oposta àquela a que se referem.

Claro está que a caderneta é executada segundo a habilidade dos concorrentes, para o que reservamos alguns prémios destinados as mais artisticas, de modo a estimular o gosto de cada um. Serão concedidos, também, prémios, por sorteio, entre todas as admitidas ao concurso.

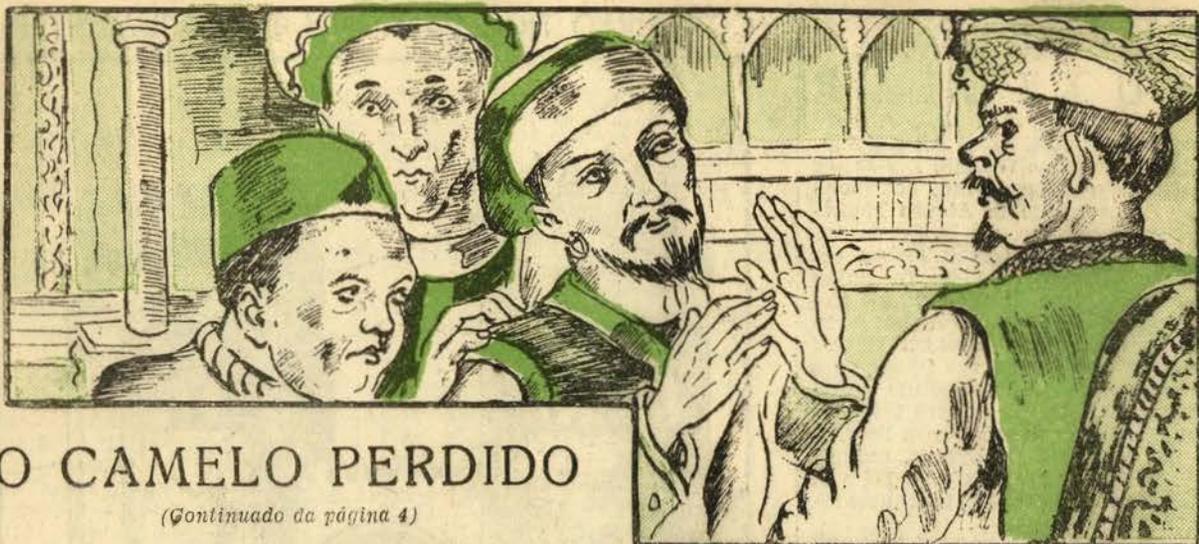
A relação dos prémios a que nos referimos será publicada num dos próximos números, de modo a satisfazer a curiosidade daqueles que, desde o inicio do concurso, a têm demonstrado.

Além disto serão atribuídas men-

ções honrosas, em número indeterminado, a todas as cadernetas que o merecerem. Os seus signatários terão direito à publicação da fotografia numa *Galeria de Honra*, assim como os demais premiados extra-sorteio.

Há a notar que a todos os premiados assiste o direito da publicação da fotografia — mas não na *Galeria* — e áqueles que não forem contemplados pelo valor artístico da caderneta. Pelo exposto se verifica que qualquer pode ser premiado simultaneamente, tanto duma forma como doutra.

Não desanimem os meninos e toca a apurarem-se na confecção das cadernetas, que serão bem compensados, senão materialmente, (pois nem todos podem ser contemplados), pelo menos com a satisfação nossa e de vossos pais que bem hão de reconhecer o vosso merecimento.



## O CAMELO PERDIDO

(Continuado da página 4)

— «Lá isso...» — concordou um dos mercadores.  
 — «Quanto a ser cego do olho direito, percebi-o, porque o animal só comeu a erva do lado esquerdo do caminho...»

— «E a falta do dente?»

— «Ora, meu caro. Isso não era difícil de adivinhar... Bastava reparar nos montículos de erva em que mordeu. Em todos eles estava intacto, no meio, um penachinho...»

Já a medo, um dos mercadores ainda perguntou:

— «Mas a carga? Como soube você do que constava...»

— «Fácilmente. De um dos lados das pegadas que

o animal deixara viam-se numerosas formigas, atarefadas, a acarretarem trigo. E do outro lado zumbiam dezenas de abelhas...»

— «Bravo — exclamou o juiz — E' pelo raciocínio que a gente se distingue dos animais. E você deve estar muito grato a Deus, que lhe deu em alto grau a faculdade de bem raciocinar...»

E voltando-se para os mercadores, acrescentou:

— «E vocês, para o futuro, em vez de acusarem os outros levianamente, pensem primeiro. Pois se vocês tivessem utilizado tão bem, como este homem, os olhos e o cérebro que Deus vos deu, há muito que teríeis encontrado o vosso camélo!...»

## A LAIDINHA

Por  
M. CARVALHO

**V**IVA, airosa, sorridente,  
 Tinha dois anos sòmente,  
 No dia em que a conheci,  
 Sirandava espevitada,

Num passeio da Calçada,  
 Dela gostei mal a vi.

Segurava nas mãozitas,  
 Com precauções infinitas,  
 Embrulhada num papel,  
 Uma boneca de pasta,  
 Com a cara um pouco gasta,  
 Que lhe dera o pai Miguel.

Ergui-a logo nos braços,  
 Dei-lhe beijos e abraços,  
 E deu-mos ela também.  
 Ficámos desde esse instante,  
 Ninguém com isso se espante,  
 A querer-nos muito bem.

Foram os anos correndo,  
 A Laidinha foi crescendo,

Sempre bôa e sempre linda;  
 E da nossa intimidade  
 Surgiu a grande amizade  
 Que conservamos ainda.

Em casas juntas morando,  
 Foi-se a amizade estreitando.  
 E quando nasceu a Lena,  
 De beijos 'steve a comê-la,  
 Quis nos brancos erguê-la,  
 A-pesar-de ser pequena.

Hoje a Lena ainda miúda,  
 E a Laidinha já taluda,  
 Quando podem juntas 'stão;  
 São amiguinhas deveras,  
 Dedicadas e sinceras,  
 Querem-se do coração.

O que uma pensa outra pensa,  
 Nada importa a diferença  
 Das idades. Afinal,  
 Têm muitas semelhanças,

Porque são duas crianças,  
 Duas almas de cristal.

O que mais na Laide espanta,  
 O que nela mais encanta,  
 O que a torna mais gentil;  
 E' quási senhora ser,  
 E ter no seu proceder  
 Simplicidade infantil.

Eu há dias até disse  
 A' Senhora Dona Alice:  
 O que mais me maravilha,  
 Do que se pode gabar,  
 E' da candura sem par,  
 Daquela a quem chama filha.

Seus olhos de luz estranha  
 Mostram candidez tamanha,  
 Uma inocência tão pura,  
 Uma tal ingenuidade,  
 Tanta meiguice e bondade,  
 Que nos encham de ternura.

F

I

M